

**CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO E SEU DISCURSO NA CÂMARA DOS
DEPUTADOS, NO CENTENARIO DA GUERRA DE CANUDOS, EM DEFESA DAS
FORÇAS TERRESTRES DO BRASIL QUE LUTARAM EM CANUDOS**
CÂMARA DOS DEPUTADOS

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO
Comissão de Educação, Cultura e Desporto
Reunião n°: 0763/97 Data: 24/09/97



Cel Claudio Moreira Bento
Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)



LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C. S. Renê, com as cores do Exército Brasileiro ao fundo, feita sob a orientação do autor.

CLAUDIO MOREIRA BENTO E SEU DISCURSO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, NO CENTENARIO DA GUERRA DE CANUDOS, EM DEFESA DAS FORÇAS TERRESTRES DO BRASIL QUE LUTARAM EM CANUDOS

COM A PALAVRA O SR. CORONEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

- Deputado Alcides Modesto, companheira Consuelo Conde, Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, demais companheiros de Mesa, e povo representante de Canudos.

Aprendi muito com a Igreja, com o Padre José Wilson, que acabou de falar, mas Informação e liberdade de escolha! Espero, que o padre José Wilson aprenda comigo um pouco da intimidade do Exército, instituição que todas as nações do mundo possuem, salvo raríssimas exceções.

Não venho aqui, como ele, defender a Igreja; não venho defender o Exército. Encontro-me aqui na qualidade de Presidente de uma instituição chamada Academia de História Militar Terrestre do Brasil, com sede e fórum em Resende-RJ. Entidade que tem por objetivo desenvolver as histórias do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navais, da Infantaria da Aeronáutica, das Polícias e Bombeiros militares e de todas as demais forças terrestres que atuaram no Brasil, desde o Descobrimento. Interessa-nos, sobretudo, estudar Canudos, a estratégia dos canudenses, porque isso pertence ao Patrimônio Histórico e Cultural Militar do Povo Brasileiro.

Hoje devemos memorar em conjunto, a tragédia social, para usar os erros cometidos, para que isso não se repita na atualidade e no futuro. Assim procedendo, estaremos usando a história como a mestra da vida, a mestra das mestras.

Os conselheiristas, com sua resistência militar notável, enriqueceram o patrimônio histórico militar terrestre do Povo Brasileiro, que talvez um dia possa vir a ser usado para a defesa interna do Brasil, no insondável terceiro milênio, na nova Ordem Mundial. Provado de que o sertanejo, se é antes de tudo um forte,

acrescento que foi também um bravo.

Lembro-me de que, próximo de Canudos, geograficamente no tempo, estava a Revolta de Cabanos de Alagoas, em Pernambuco, de 1832 a 1835, levada a efeito por brasileiros humildes do campo, a qual foi convenientemente administrada pelo poder civil, com o auxílio da Igreja de Pernambuco, sem destruição recíproca de revoltosos ilegais e forças legais, evento que encerrou uma solução de cerco rebelde, que seria adotado mais tarde no Contestado em 1912/1915..

No Contestado, como em Pernambuco e Alagoas, não houve a destruição total, porque houve um cerco e pouparam-se vidas de soldados e de adeptos dos monges. E foi um General do Exército lá do Sul que mandou que se retirassem as tropas, dizendo que o Exército não fora criado para perseguir brasileiros do sertão — e lembrava o nosso marechal Deodoro da Fonseca, que recusou que o Exército perseguisse o escravos fugidos, o que equivaleu, naquela época, à Abolição de fato.

O Exército usou a grande lição extraída de Canudos, que foi uma Reforma Militar profunda, de 1898 a 1945, que elevou o padrão operacional de Canudos, aos da Força Expedicionária Brasileira, na Itália. Essa Força lutou em aliança ou contra frações dos melhores exércitos do mundo. E fez muito boa figura. Talvez, muitos canudenses ajudaram, na FEB, a elevar, alto e longe, o nome do Brasil.

Faço minha apresentação. Está transcorrendo o centenário da Guerra de Canudos no sertão baiano, confronto fratricida que levou à morte e ao luto milhares de irmãos brasileiros, soldados do Exército, das polícias militares e sertanejos que combateram a resistência em Canudos.

A apuração da responsabilidade moral e política por essa tragédia grega brasileira, quando ambos os lados que se confrontaram em combates acham que estão com a razão, espera-se que fique mais clara nos estudos serenos que se

fizerem este ano e responsabilidade para ser apurada, por uma espécie de tribunal histórico, como uma amarga e inesquecível lição retirada do episódio, Este foi um problema social, como outros que estão ocorrendo e que poderão apresentar-se na trajetória brasileira, e que merecem tratamento e respostas adequadas que Canudos não deu politicamente, com oportunidade, prevenindo assim a tragédia que todos hoje lamentamos

Como soldado, historiador militar e jornalista assim vemos o episódio de Canudos e de como serviu de estopim para uma reação de parte de oficiais do Exército, veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, para promover uma Reforma Militar que modernizou o Exército e o livrou do equivocado sistema de ensino, que vigorou de 1873 a 1905, potencializado pelo regulamento de ensino de 1890, baixado na melhor das intenções pelo Ministro da Guerra, Coronel. Benjamin Constant.

Segundo se conclui, de Edmundo Campos Coelho, EM BUSCA DE IDENTIDADE, O EXÉRCITO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA, o Exército, a partir de 1931, foi alvo de uma política de erradicação que, ao longo dos tempos, apresentou nuances variadas. A partir de então teve de concorrer com a Guarda Nacional, que se revelou incapaz de promover a Segurança Nacional, a não ser no Sul, até a Guerra do Paraguai, tornando-se instrumento político anti-Exército, conforme se conclui da insuspeitas Ana E. de Castro e em sua obra **A Milícia Cidadã, a Guarda Nacional, 1831 a 1850**, que se pretendeu até ressuscitar.

Finda a Guerra do Paraguai, em 1870, o espírito erradicador do Exército ressurgiu forte. Para neutralizá-lo foi implementada a seguinte idéia traduzida no regulamento de ensino de 1873, ou seja, formar oficiais doutores no Exército para ajudar a desenvolver o Brasil. E aqui, para as moças canudenses, o que a contecia com os oficiais, Para os valorizar socialmente criar o título o de doutor

médicos, filhos de industriais, comerciantes e fazendeiros, que até então eram preferidos para o casamento. A razão, desde a Independência, para consolidar a Integridade, a Soberania e a Unidade do Brasil, os oficiais viveram mais combatendo em lutas internas e externas. Assim, para o casamento, eles representavam viuvez e orfandade potenciais sem cobertura previdenciária compatível.

Os doutores passaram a ostentar, antes do posto, o título de doutor, muitas vezes omitindo o posto, ou até se aborrecendo quando por eles tratados. Os que viviam no Exército, na tropa, dedicados à segurança, eram tratados de **tarimbeiros** e não sem desdém, com status social inferior. Os doutores ou **bacharéis** teriam a seu cargo a elaboração da Doutrina do Exército, através da congregação da Escola Militar da Praia Vermelha, dominada pelos bacharéis, mas eles não cumpriram esse dever. Esse sistema de ensino detonou a profissionalização militar do Exército, fazendo o segundo consenso de analistas da época e líderes da Reforma Militar a cair a níveis de operacionalidade inferiores ao que eles haviam conquistado na Guerra do Paraguai.

O progresso hierárquico era conquistado a base de cursos, que deram origem aos bacharéis do Exército, muito versados em Ciências, Física, Matemática, poesia, Literatura e pouco ou quase nada na profissão soldado, que é Arte e a Ciência militar. Como complicador foi o positivismo agnóstico, mal dirigido, introduzido através da cadeira de Sociologia na Escola Militar, ocasionando na Praia Vermelha que seus alunos desprezassem e rissem de veteranos do Paraguai, desfilando garbosos com o peito coberto de condecorações, conforme o depoimento do General maranhense, Tasso Fragoso, na introdução do seu clássico **A Batalha do Passe do Rosário**.

Um general que fizera a carreira bem sucedida, como professor de Descritiva na Praia Vermelha, teve desempenho militar deplorável, ao ser enviado para o Paraná para conter o avanço federalista. Acusado de covardia, foi processado e condenado à morte, da qual escapou por empenho de seus alunos. Na escola não conseguia impor-se disciplinarmente aos seus alunos, conforme depoimento de seu assistente.

Senhoras e senhores canudenses, esse foi um Exército então dominado pelo bacharelismo das elites, que teve de improvisar a incorporação de centenas de alferes civis recrutados para completar os seus quadros, para enfrentar a Guerra Civil no Sul, de 1893 a 1895; a Revolta na Armada, de 1893 a 1894; e a Guerra de Canudos, em 1897. Eles apresentaram por vez, por despreparo, operacionalidade inferior aos revolucionários revoltosos, além de possuir no Sul, o seu espírito dividido por muitos dos seus oficiais, incorporados aos revoltosos por desinformações.

Os bacharéis, salvo honrosas exceções, estiveram ausentes dos confrontos. Foram alguns oficiais tarimbeiros, que sempre se dedicaram à instrução da tropa, que lideraram em campanha o Exército. Dentro os mais assinalados: Artur Oscar, Cláudio Savaget, Carlos Teles, João César Sampaio, Tompson Flores, Tupi Caldas, que morreu em Canudos, Augusto Julião Serra Martins e outros.

Durante o combate da Ponte da Armação, combatendo a Revolta na Armada, o Capitão Tasso Fragoso foi ferido gravemente quando comandava uma peça de Artilharia. Por ocasião da Guerra de Canudos, ele se encontrava em missão na Europa, aproveitando, inclusive, para corrigir seqüela deixada por um ferimento. Lá ele constatou, surpreso, o enorme fosso operacional entre o nosso e Exércitos e os europeus, em especial o Prussiano, De lá escreveu históricos artigos na **Revista do Brasil**, sobre a necessidade de o Exército Brasileiro dispor

de um Estado-Maior e de como era formado um oficial alemão. Seus artigos repercutiram muito no Exército, onde era muito acatado.

Pensamos que seus artigos ajudaram a inspirar a Reforma Militar, liderada por oficiais veteranos ou filhos de veteranos do Paraguai. São eles: João Nepomuceno Medeiros Mallet, que criou o Estado-Maior do Exército e a primeira fábrica de pólvora sem fumaça na América do Sul. Marechal Cantuária, que comandou a Bahia e foi o primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército; Gen. Argolo, um grande herói baiano, que eliminou o grande equívoco que o Exército vivia há trinta anos com o seu ensino focado no bacharelismo. Ele extinguiu a Escola da Praia Vermelha e decretou o Regulamento de Ensino de 1905. Foi a inflexão do bacharelismo militar para o profissionalismo militar, que até hoje se sustenta, implementado na Escola de Guerra, em Porto Alegre, formadora da geração que implantou o profissionalismo militar no ensino. Inclusive, o Marechal José Pessoa, um ilustre paraibano, que idealizou a Academia Militar das Agulhas Negras.

Hermes da Fonseca como comandante da 1ª Região Militar, Ministro da Guerra e Presidente da República promoveu e reorganizou por completo o Exército, adquiriu armamentos modernos para o Exército na Europa, com respectivas fábricas de munições, mandou oficiais estudarem na Alemanha, origem dos Jovens Turcos, os quais fundaram a revista **Defesa Nacional**, que funciona desde 1913. E se seguiu o esforço continuado da Reforma Militar. Perguntado ao único Ministro civil na República por que razão Pandiá Calógeras teria tido tanto sucesso como Ministro da Guerra, ele respondeu: "**Foi fácil; foi só seguir o planejamento dos meus antecessores**".

Essa foi a parte mais relevante da resposta que o Exército deu a Canudos aos equívocos desse ensino equivocado que perdurou cerca de 30 anos..

Somos de parecer que a responsabilidade moral e política pelo lutuoso desfecho da grande tragédia de Canudos, hecatombe social brasileira para

irmãos brasileiros conselheiristas e humildes, mas obedientes ao poder civil, soldados do Exército, polícias e jagunços, é da Sociedade Civil brasileira da época e instituições dela integrantes, inclusive a Igreja, e que os senhores admitam que quem se achar livre de pecados, que atire a primeira pedra. E os conselheiristas, motivados psicologicamente contra a República, Maçonaria e Positivismo agnóstico, e os soldados, por sua vez, para uma ameaça fabricada, à defesa da República, falsamente ameaçada por conselheiristas, que não eram monarquistas e não possuíam poder militar efetivo para colocar essa República abaixo, são as grandes vítimas de Canudos ou melhor, são os mártires de Canudos.

Venho aqui, como os senhores vêem, homenagear os mártires de Canudos, aqueles humildes soldados, muitos meus conterrâneos gaúchos, que para lá foram e não voltaram/

Não se deve celebrar vitórias sobre os conselheiristas, e, sim, comemorar Canudos, pois sempre aparece o Exército como o algoz; porém, algoz foi a Sociedade Civil. Hoje devemos sim memorar em conjunto a tragédia social, para usar os erros cometidos, para que isso não se repita na atualidade e no futuro. Assim procedendo, estaremos usando a história como a Mestra da Vida.

Como soldado e historiador não passo o recibo. Informação é liberdade de escolha. As manipulações históricas existentes, das quais V.Exas. mostraram algumas em jornais, revistas, livros, filmes e agora em CD-ROM, querendo a mídia responsabilizar o Exército, a Polícia Militar e canudenses que combateram seus irmãos em Canudos, pelos lutosos e sangrentos fatos ali ocorridos, deve-se muito a seus integrantes, que lá apareceram e também foram grandes vítimas por desinformação e manipulação de lideranças civis, que detinham o poder constitucional para enviá-los para lá.

Sras. e Srs. Deputados, isso já havia acontecido em 1875, no Rio Grande

do Sul, na Revolta dos Muckres do Ferrabraz. Canudos foi um problema bem ampliado em relação à Revolta Muckres e emprego do Exército para perseguir negros escravos fugidos.

Vale lembrar a qualquer chefe de família que é a Pátria amplificada, necessitando prover de melhor grau de segurança para dissuadir, defender e mesmo repelir possíveis agressores, tomaria as medidas preventivas de segurança adequadas, e principalmente manter-se bem informado. Comprariam o melhor armamento possível e os melhores itens de segurança preventivos; conservariam suas armas, treinariam com ela, mudariam com frequência a munição etc. Mas não foi isso que as lideranças brasileiras fizeram e deu no que deu.

Depois de Canudos, a Reforma Militar no Exército que Canudos detonou, foi um esforço hercúleo de várias gerações para evoluir de Canudos à Força Expedicionária, repetimos, quando essa Força Expedicionária fez muito boa figura ao lutar contra ou em aliança com frações mais expressiva dos melhores Exércitos do mundo presentes na Europa na Segunda Guerra Mundial. Esta é para nós a real projeção para a força terrestre da fratricida Guerra de Canudos, é a responsabilidade por essa tragédia grega brasileira. Entendo como tragédia grega todas as facções que vão lutar e acham que estão com a razão. É o caso das nossas guerras civis. Os soldados foram para lá motivados, meteram na cabeça que aquilo, desculpem-me, seria um "chupa-cabra". Não eram os seres humanos que tinham de ser abusados. Em Canudos, diz o Presidente da República, o Poder Executivo, não deixe pedra sobre pedra; o Exército é o revólver do Presidente, é o revólver da sociedade, e foi mal usado.

Peço que V. Exas. entendam essa insistência no Exército. Foram onze Polícias Militares; Governadores de Estados que mandaram suas polícias. Jagunços — não gosto dessa palavra —, mas baianos foram recrutados também na inocência combater talvez parentes dos que morreram em Canudos

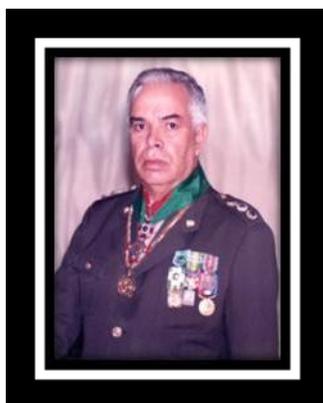
Agradeço ao Sr. Deputado Alcides Modesto o seu convite para aqui participar e paciência em ouvir-nos. Nesta revista do Exército está a experiência de Canudos, o que estamos aproveitando do que Pedrão Pajeú tem a nos ensinar. Esse é o Exército da caatinga, uma unidade de Petrolina que está absorvendo toda a ciência militar de Pedrão Pajeú e outros bravos, por quem tenho profundo respeito como soldado. Estamos olhando para a frente do nosso automóvel, e não pelo retrovisor, chorando sobre o leite derramado. Vamos construir sobre essas vítimas do Exército que foram enganados e foram as maiores vítimas dessa tragédia social. Muito obrigado. (Palmas.)

O autor deu também entrevista na Globo News sobre o tema e lamentavelmente não encontrou o Site. Entrevista assistida e elogiada pelo hoje acadêmico Gen Ex FARIAS.

Nota: Em 1997 no Centenário da Guerra de Canudos o Deputado Baiano Alcides Modesto convidou o Ministro Gen Ex Zenildo Zoroastro de Lucena, para que o Exército participasse na Câmara Federal da comemoração do Centenário da Guerra de Canudos e o General Zenildo indicou meu nome como Presidente e fundador da novel Academia de História Militar Terrestre do Brasil para representar o Exército como seu Historiador, tendo a apoiar-me sua Acessoria Parlamentar.

Nesta ocasião tomei conhecimento que a Prefeitura de Itatiaia havia pleiteado reparar sua sede as instalações do antigo Hospital Militar de Itatiaia. Solicitação que foi negada por entender o Exército que se tratava das instalações do citado hospital próximo a entrada do Parque Nacional do Itatiaia. Foi aí que informei a Acessoria Parlamentar que o pedido se referia as instalações do Hospital na cidade de Itatiaia, do que resultou a cessão a Prefeitura das instalações preciosas do Hospital em Itatiaia cidade. Não fora minha intervenção Itatiaia talvez não tivesse recebido o que pleiteava, pois o entendimento do Exército era que se tratava das instalações junto ao Parque Nacional do Itatiaia. Nesta época em 1992 eu havia fundado e presidia Academia Itatiaense História (ACIDHIS).

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM SETEMBRO DE 2023



**Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar.
Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes, Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. E autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Publicou : **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Sul considerado

serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Tunel 20 ,então considero o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN ,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas ,e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagunde e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano de 2023 complementara 92 anos de idade .Se Deus quiser!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Toda a sua obra historiográfica esta disponível em seu site ,criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento.Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por termino de seu contrato por PTTC ,criou independentes 5 AHIMTB ,até então dependentes da FAHIMTB,com a finalidade de se manteram fiéis ao espirito da FAHIMTB,durante os seus 23 anos de proficua existência.



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **Relação de Diplomas, Medalhas, Troféus e etc no apartamento Cel Bento em Resende-RJ.**

Camila segundo o Cel Bento:

Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca

da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE- POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, qua aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.||

